

A EMERGÊNCIA DE NOVIDADES METODOLÓGICAS NO CAMPO VIRTUAL: UMA ANÁLISE DE ESTUDOS NO CIBERESPAÇO¹

Vanessa Souza Pereira (UFRGS)²

Resumo: A proposta do trabalho é analisar a emergência de novidades metodológicas na abordagem do campo virtual em uma amostra de estudos que tiveram os ambientes virtuais como campo de pesquisa. O objetivo é conhecer as estratégias metodológicas desenvolvidas na pesquisa e observar o surgimento de novos conceitos. Na análise, identifica-se essencialmente dois caminhos: os que empregam a mesma metodologia dos ambientes não-virtuais e os que, diante das peculiaridades do ambiente virtual, adaptam, criam ou recriam os métodos e técnicas de pesquisa. Não só a pesquisa empírica passa por transformações, como a abordagem teórica também sofre com a definição dos termos, uma vez que as transformações nas denominações estão associadas também com a dinâmica da tecnologia material.

Palavras-chave: metodologia de pesquisa, ciberespaço, pesquisa em ambientes virtuais.

Introdução

É inegável que a sociedade contemporânea vive um momento de grandes transformações tecnológicas e informacionais. A dimensão e as características dessas mudanças estão em constante revolução. Além disso, diante das novas formas de interação proporcionadas pelas tecnologias de informação e comunicação (TICs), as relações com o tempo e o espaço têm se modificado (LÉVY, 1999), contexto que aos poucos tem sido explorado pela comunidade científica.

O avanço e aperfeiçoamento das TICs viabilizaram o surgimento da internet e dos ambientes virtuais, sendo atualmente utilizados para uma infinidade de objetivos. A internet tem se consolidado como ferramenta de trabalho, comunicação e interação, permeando a rotina de grande parte do mundo contemporâneo, mas também tensionado as noções de espaço, tempo e lugar (GUTIERREZ, 2009). As redes sociais virtuais passaram a fazer parte do cotidiano de milhões de pessoas. O Twitter, por exemplo, apresentou 280% de crescimento no número de twitts entre março de 2010 e fevereiro de 2011, além de superar a marca de 1 bilhão de twitts semanais em 2011³. Redes sociais como o Facebook e o Orkut também

¹ O presente trabalho é parte de um estudo realizado-se sob orientação da Prof. Dra. Marilis Lemos de Almeida como trabalho de conclusão de curso em Sociologia - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012/1).

² Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Twitter statistics. Kiss Metrics Blog. Disponível em <<http://blog.kissmetrics.com/twitter-statistics/>>. Acesso em dezembro de 2011.

demonstram crescimento, sobretudo no Brasil. Tal crescimento se dá tanto em número de usuários quanto em tempo de uso/permanência desses sites.

Sendo um novo campo emergente, observa-se a convivência de uma polissemia e de uma baixa precisão conceitual, uma vez que os termos ainda não estão definidos com clareza e tampouco são consenso entre os pesquisadores. Neste estudo o contexto virtual será denominado de *ciberespaço*, termo utilizado por diversos autores (LEVY, 1999; CASTELLS, 2003; GUIMARÃES JR, 1999; LEWGOY, 2009; FRAGOSO et al, 2011 entre outros) para designação dos ambientes virtuais de interação.

Para diferenciar o caráter de novidade do objeto no ambiente virtual denominei as novas abordagens como *novidades metodológicas*. Embora construído no contexto dos estudos sobre produção agrícola, o conceito de novidade⁴ é útil pois representa o processo de inovação na produção de conhecimentos como resultado de busca de soluções para problemas técnicos do cotidiano (OLIVEIRA et al, 2011). Nesse sentido, o conhecimento científico e o conhecimento técnico (também corriqueiro, quando se fala em tecnologias de informação e comunicação) interagem em um ajuste de condições. No caso das novidades metodológicas com relação ao campo virtual, os conhecimentos sobre circunstâncias materiais e tecnológicas também fazem parte do trabalho do pesquisador.

Este estudo tem como objetivo principal conhecer as práticas metodológicas de pesquisadores em uma amostra de estudos que analisem seu objeto empírico no ciberespaço. A ideia é examinar se novos métodos ou adaptações estão sendo construídos para a abordagem dessa nova dimensão da realidade ou se os métodos tradicionais/estabelecidos têm dado conta da pesquisa empírica no ambiente virtual.

Para tratar teoricamente do problema, proponho dois focos. Um deles seria uma breve discussão sobre o conhecimento científico (especialmente a pesquisa social) no contexto da sociedade da informação, momento marcado pela emergência dos espaços virtuais de interação, no qual também são feitas considerações sobre a construção da metodologia em um projeto científico na área de ciências sociais. O segundo ponto a ser trabalhado teoricamente seria o ciberespaço tratado como campo de pesquisa das ciências sociais, tendo em vista as suas características inerentes e as possibilidades relacionadas à interação social.

Por fim, faço a apreciação dos estudos da amostra com vistas aos indicadores e ao referencial teórico que acompanha o problema. O objetivo da análise é identificar as

⁴ *Novelty production approach* - abordagem da produção de novidades. Aprofunda-se a discussão em: PLOEG, J. D. van der; WISKERKE, J. S. C. (Ed.). **Seeds of transition: essays on novelty production, niches and regimes in agriculture**. Assen: Van Gorcum, 2004.

novidades metodológicas, contribuindo para a discussão sobre os usos dessas na pesquisa social em ambientes virtuais.

2. Metodologia e proposta de análise

A fim de analisar a pesquisa na internet e identificar o surgimento de novidades metodológicas no trabalho de campo virtual, é proposta uma análise das estratégias metodológicas de trabalhos da área de Ciências Sociais. Junto a essa pesquisa empírica, busco entender se a construção metodológica de estudos cujo trabalho de campo se dá em ambientes virtuais apresenta modificações significativas em relação às metodologias mais comuns dos trabalhos de campo não-virtuais.

Para construir o corpo empírico, foi definida uma amostra de teses e dissertações de Programas de Pós-Graduação (PPGs) registrados no banco de Teses da CAPES. Os trabalhos deveriam ser das áreas de Antropologia, Sociologia ou Ciência Política de IFES⁵ brasileiras. Foram selecionados trabalhos defendidos dos anos de 2005 a 2010 em PPGs com avaliação trienal da CAPES igual ou maior a 5. O total de trabalhos após esses recortes foi de onze dissertações e duas teses.

O software Nvivo 9 foi utilizado como ferramenta para a análise, tornando essencial o suporte digital. Contudo, embora se tenha acesso à maioria dos trabalhos, nem todos estavam disponíveis na internet para consulta e/ou download. Além dos recortes referidos, a amostra sofreu também outros ajustes. Em primeiro lugar, a busca pela palavra-chave "ciberespaço" não garantiria que as pesquisas provenientes tivessem o principal atributo de minha análise: o trabalho de campo em um ambiente virtual. Portanto, após a leitura dos resumos, alguns estudos foram excluídos da amostra. Além da necessidade do arquivo digital para análise, em dois casos, a pesquisa não pôde fazer parte da amostra por problemas técnicos do arquivo, mensagens de erro tanto no Adobe Reader quanto no NVivo. Por esses motivos, seis estudos foram retirados da amostra, totalizando sete trabalhos para análise (sendo uma tese e seis dissertações).

Sendo assim, os sete trabalhos são caracterizados por área e universidade de origem através do gráfico a seguir:

⁵ IFES: Instituições Federais de Ensino Superior.

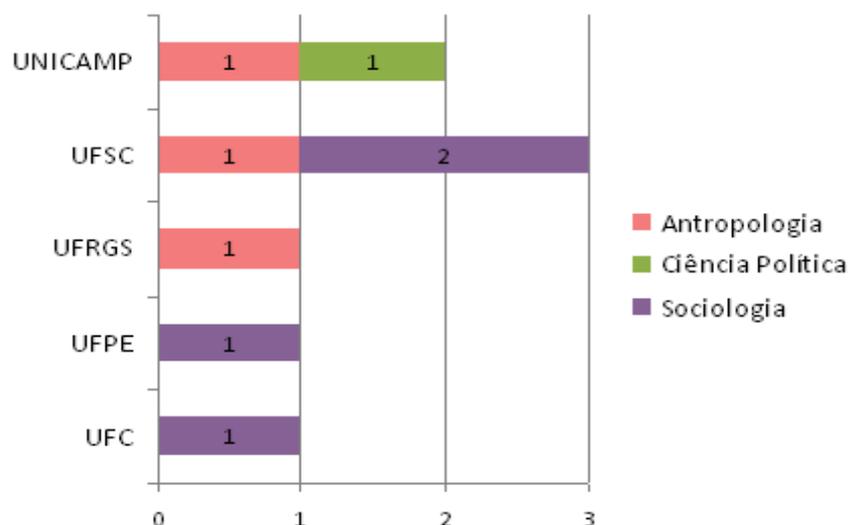


Gráfico 1: Distribuição de estudos por área e universidade

Nota-se que a quantidade total de estudos é pequena. No mesmo período, estão registrados 25 trabalhos com o mesmo recorte na área de comunicação. Essa diferença corrobora com a afirmação de Jungblut (2009) de que as Ciências Sociais ainda se mostram tímidas em investigar os múltiplos processos que acompanham as tecnologias de informação e comunicação. Na dissertação de Amarante (2005) a comunicação já apresentava maior evidência na quantidade de estudos sobre a internet:

Recorremos à Internet para colher informações sobre a questão, já que em virtude de sua novidade não existia muito material escrito disponível sobre ela. No decorrer da pesquisa, encontramos algumas dissertações de mestrado tendo os blogs por tema. A coincidência entre elas era o fato de serem da área de comunicação (p. 16).

A mesma autora diz que construiu um breve histórico do surgimento dos blogs (seu objeto de pesquisa) com base em uma ampla pesquisa pela internet "já que pela incipiência do objeto pesquisado a bibliografia disponível a seu respeito é muito reduzida." (p. 18).

Sobre a análise de dados qualitativos, May (2004) diz que, ao afastar-se do formato estruturado, torna-se necessário realizar um esforço de codificação para que possa ser construído um sentido analítico. Sendo assim, os nós⁶ de classificação dos elementos de análise dividiram-se em três grandes grupos: (1) objeto/proposta do trabalho, (2) definições metodológicas e (3) trabalho de campo virtual. Essa divisão não representa uma disposição necessariamente conveniente, o que significa que nem todos os trabalhos apresentaram esses elementos. Mesmo assim, os trabalhos apresentaram, com diferentes intensidades, referências

⁶ O termo "nó" refere-se ao esquema de codificação de trechos através do software Nvivo 9.

nesses grandes temas. Os indicadores formaram "subnós" que especificavam os temas dos elementos de análise.

Dessa forma, busco trazer na análise as diferentes visões dos autores e de suas explicações para os objetos de estudo, não fazendo um julgamento sobre quais visões seriam mais adequadas e condizentes com o contexto da virtualidade, mas contrastando as diferentes abordagens e observando a emergência de novidades metodológicas.

O local do trabalho de campo nesta análise será chamado de universo, uma vez que, representando o ciberespaço, não possui as mesmas lógicas de tempo e espaço que o vocábulo local remete.

3. O conhecimento científico e a metodologia de pesquisa na sociedade da informação

A sociedade contemporânea (considerada como o final do século XX e início do século XXI) capitalista e informacional, ainda que apresentando consideráveis variações em diferentes regiões do mundo, vivencia uma infinidade de processos e transformações intensas. As transformações podem ser vistas como de ordem econômica, tecnológica, política, informacional/comunicacional, entre outras. Para designar a sociedade contemporânea em sua dimensão das relações sociais, utilizo o termo "sociedade da informação".

Em virtude de suas grandes implicações na economia, na política, na cultura e nas relações, além das profundas transformações nas formas de expressão e no que Lévy (1999) chama de desterritorialização das mídias, essa nova e emergente dimensão da realidade surge como mais um campo de estudo para diversas áreas do conhecimento. Entretanto, para tratar sobre pesquisas no ciberespaço, é necessário abordar antes a organização contemporânea da pesquisa e do conhecimento científico.

Segundo Demo (2002, p. 352) "conhecer é principalmente questionar e não verificar, constatar, afirmar". O objetivo do fazer científico, que é o conhecimento, é sempre construído, aproximado e temporário, como já apontava Bachelard (1996) ao tratar a atividade científica como uma retificação permanente do erro primeiro e ao apontar os atos epistemológicos da ruptura, construção e constatação. A atividade científica está em permanente busca, não por verdades absolutas, mas por explicações mais adequadas aos objetos de estudo. As definições dos conceitos e dos métodos são decisões teóricas, muitas vezes não intencionais ou não racionais, mas nunca ao acaso. A cientificidade vai além de um padrão de modelos e normas, sendo mesmo diferentes as abordagens das ciências naturais e sociais. Diferentemente do que se acreditou por muito tempo, "a cientificidade não pode ser

reduzida a uma forma determinada de conhecer; ela pode conter diversas maneiras concretas e potenciais de realização (COTANDA et al, 2008).

Distinguindo-se do conhecimento comum, o conhecimento científico se concretiza na atividade de pesquisa, cuja fundamentação se dá através de teorias, conceitos, métodos e técnicas. A pesquisa constitui-se como atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade.

A metodologia de pesquisa possui um sentido mais técnico dentro projeto científico, no qual se constituem regras para definir um objeto e as escolhas referentes ao trabalho de campo e aos instrumentos para investigação. Assim, podemos entender que a abordagem metodológica de um estudo científico visa sistematizar o modo como se estudará um objeto para alcançar os objetivos propostos. Essa atividade engloba aspectos que devem ser explicitados ao longo do trabalho científico: o tipo de estudo, qual será a população-alvo da pesquisa empírica, como os dados serão coletados/produzidos, quais serão os procedimentos para análise e interpretação dos dados, etc. Porém, sobretudo visa estudar e definir as escolhas teóricas em busca da compreensão do objeto proposto. As técnicas de produção e análise de dados são fruto de um processo de construção e constituem o nível mais operacional das definições metodológicas (COTANDA et al, 2008).

Para Bourdieu et al (1999), mesmo as técnicas mais empíricas não são descoladas das opções teóricas. Os métodos seriam então construídos em função do objeto. Para ele, são os pressupostos teóricos que fazem os dados empíricos funcionarem como evidências científicas. Mesmo que os autores referidos defendam a construção do método em função do objeto, considero que outros fatores também podem influenciar a construção, entre eles as especificidades do local do trabalho de campo, como no caso dos ambientes virtuais.

Considerar que a realidade é complexa e não-linear e que o conhecimento é sempre provisório, não significa, contudo, que nenhum método será capaz de captá-la satisfatoriamente (DEMO, 2002). Segundo o autor, “em parte, este reducionismo é natural, inevitável” (p. 361). Ao fazer pesquisa buscamos ordenar e estruturar, o que representa uma violência analítica, pois a força a caber em categorias estranhas a sua dinâmica complexa e não-linear. Contudo, mesmo que consideremos que “explicar é inapelavelmente também simplificar” (p. 361), a explicação teórica organizada se faz necessária para delimitar/definir o objeto e os objetivos do trabalho científico, visto que, sem esses, o trabalho do pesquisador seria um emaranhado confuso.

4. O ciberespaço como campo de pesquisa

A primeira grande menção ao ciberespaço foi através de William Gibson, famoso na literatura “Ciberpunk”, que no livro “Neuromancer” (1984) constrói uma aventura que se passa em um espaço virtual (GUIMARÃES JR., 1999). Pierre Lévy, um dos pioneiros nos estudos sobre as transformações sociais e culturais a partir das evoluções técnicas e informacionais, interpretou o ciberespaço como sendo um “novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p. 32).

O ciberespaço e as novas formas de interação e comunicação têm sido interpretados de diversas formas por diferentes autores. O estudo do virtual trouxe consigo a necessidade de novos termos para caracterizá-lo. Em contrapartida, os novos termos são, muitas vezes, utilizados em uma perspectiva evolucionista e de contraposição ao real.

A chave analítica da virtualização (Lévy, 1999), se afastada a pesada carga de evolucionismo a ela associada, permite visualizar-se a passagem para um outro momento no qual a internet e o ciberespaço passam a ser produtores de metáforas e conceitos que dimensionam as convenções culturais, os dispositivos de classificação do real off e online, quando, por exemplo passamos a falar em “ensino presencial” em oposição ao ensino à distancia, em “deletar” pessoas de nossa lista de amigos ou em fazer etnografias “offline” (LEWGOY, 2009, p. 193).

Por tratar-se de uma questão contemporânea, o contexto virtual ainda sofre com o status de “não-real”. Os ambientes virtuais ainda recebem um estereótipo de superficialidade, porém, podem se constituir também como uma nova forma de registro de informação da memória contemporânea. Aos poucos a tensão entre o *online* e o *offline* vai se desconstruindo, considerando-se o virtual como uma dimensão da realidade (DORNELES, 2008).

Permeando o cotidiano, a internet propicia que criemos e recriemos fatos e processos constantemente. Na maioria das vezes associadas à lógica de mercado, as empresas precisam entender o que está acontecendo nesse contexto e, principalmente, quais são as potencialidades do ambiente virtual para as suas atividades, para a captação de clientes, aumento das vendas, engajamento dos consumidores com a marca, etc. O mercado “solicita” essas informações de diversos agentes (setor de marketing, empresas de pesquisa, agências de publicidade...). Por outro lado, no âmbito acadêmico, embora com diferentes fins, também há interesse em conhecer e teorizar a internet e as práticas dos ambientes virtuais. Considero, portanto, conforme defende Minayo (1994), que o surgimento do interesse de pesquisa por um objeto está profundamente ligado à vida prática. Contudo, como interesse de pesquisa, o ambiente virtual traz também questionamentos sobre as práticas de pesquisa científica.

A geografia, a arquitetura e os fluxos de informação do ciberespaço não coincidem com o território físico. Apesar de estarmos longe de uma definição sobre a abordagem de questões sociais no ambiente virtual, pesquisadores têm construído suas abordagens diante do confronto com um campo diverso que apresenta questões que exigem reformulações das práticas usuais. Na rede emergem práticas sociais que reproduzem formas de agir tradicionais, mas também criam novos modos de fazer (GUTIERREZ, 2009). A autora refere que as mudanças nas formas de se fazer pesquisa estão mais associadas às novas culturas e não aos espaços novos, como defendo. Contudo, considero sua contribuição importante, uma vez que os modos específicos de relações de subculturas no ciberespaço também podem trazer desafios ao pesquisador.

A metodologia qualitativa foi muitas vezes questionada sobre sua validade como argumento científico, uma vez que a influência pessoal do pesquisador tende a estar mais presente na análise. Entretanto, quando estamos analisando um objeto, não deixamos de interpretá-lo com o nosso repertório cultural. Conforme Chalmers (1993) coloca:

O que os observadores vêem , as experiências subjetivas que eles vivenciam ao verem um objeto ou cena, não é determinado apenas pelas imagens sobre suas retinas, mas depende também da experiência, expectativas e estado geral interior do observador (p. 51).

Isso significa que mesmo a busca de uma visão objetiva não impede uma interpretação subjetiva. A objetividade, que é o mais próximo que chegamos da “neutralidade”, provém de critérios metodológicos definidos pelo pesquisador, contudo, os procedimentos de produção e análise de dados também recebem influências subjetivas da experiência do autor.

Amaral (2010) defende que as diferenças entre online e offline devem ser mantidas nas descrições das práticas de pesquisa. “Por exemplo, a diferença entre uma entrevista feita presencialmente e outra feita via MSN ou Skype deve ser incluída na narrativa. O refinamento das análises sofrerá influências que podem ser significativas” (p. 126).

Além das questões mencionadas, o cientista social que realiza o seu trabalho de campo no espaço virtual depara-se com a controvérsia da mediação. Lewgoy (2009) utiliza o conceito de aura de Walter Benjamin para tratar sobre a questão:

Nesse sentido o trabalho dos antropólogos em buscar compreender culturas alheias por uma metodologia que envolve co-presença fenomenológica (trabalho de campo) é uma espécie de profissão de fé no poder epistemológico do contato intersubjetivo primário (entendido como aquele que mobiliza o maior número de sentidos e o menor número de mediações na comunicação com o outro, oposto, portanto à comunicação mediada por computador). Diante da massiva evidência do virtual, o

trabalho de campo presencial torna-se portador de uma espécie de aura metafórica que evidencia e traduz distâncias existenciais, diferenças e choques culturais e assim como irrepetíveis imersões iniciáticas, seguidas da aquisição de uma sabedoria parasotérica que chamarei de “prática etnográfica tradicional”. (LEWGOY, 2009, p. 189).

Embora a etnografia virtual tenha ganhado muitos adeptos, ainda há resistência de alguns pesquisadores na aceitação do computador como ferramenta para incursão/inserção no campo, uma vez que o contato presencial é visto por esses como elemento essencial. A essencialidade seria principalmente com relação à qualidade da interpretação, posto que presencialmente utiliza-se uma maior quantidade de sentidos ao mesmo tempo. É sabido que o trabalho de campo mediado apresentará limitações, porém, como qualquer método, apresentará também diferentes vantagens.

May (2004), referindo-se mais especificamente à internet como instrumento de pesquisa, observa que as inovações tecnológicas possibilitam oportunidades para novas formas de entrevistas: por exemplo, as videoconferências e as entrevistas em tempo real através da internet. Segundo o autor, essas técnicas apresentam vantagens quanto ao tempo, custos e transcrição, contudo, como desvantagem há a necessidade de um conhecimento especializado para o acesso e uso dessas ferramentas. O autor frisa: “aqui, como sempre, um pesquisador tem que ser cauteloso ao abraçar entusiasticamente as técnicas mais recentes sem uma conceitualização adequada das questões que cercam e informam essas práticas” (p. 167).

Outra questão pertinente sobre a pesquisa no ciberespaço refere-se à publicização dos dados primários. Recentemente em discussão, os conjuntos de informações quantitativas ou qualitativas coletadas pelo Facebook, Google e Microsoft, por exemplo, a partir das práticas de seus usuários online são chamados de “big data”, um verdadeiro tesouro de dados para cientistas sociais. Cabe ressaltar que, as redes sociais, como espaços de interação social, são também “propriedades” de empresas (seguindo a lógica capitalista) e, portanto, não são livres e completamente acessíveis para um cientista acadêmico comum.

De acordo com Markoff (2012), a questão tomou grandes proporções quando, em uma conferência científica em Lyon (França), três cientistas da Google e da Universidade de Cambridge se recusaram a liberar os dados utilizados para a composição de um artigo sobre a popularidade dos vídeos do You Tube em diferentes países. O presidente do painel de conferências, Bernardo Huberman, disse que no futuro a conferência não aceitará trabalhos que não mostrem os dados ao público. Huberman, em fevereiro de 2012, publicou uma carta na revista Nature declarando que os dados privados das empresas podem ameaçar a pesquisa

científica sobre a internet. Isso porque o controle corporativo de dados poderia dar acesso preferencial a um grupo de elite de cientistas nas maiores corporações.

Se esta tendência continuar, vamos ver um pequeno grupo de cientistas com o acesso a repositórios de dados privados desfrutar de uma quantidade injusta de atenção na comunidade, em detrimento de pesquisadores igualmente talentosos cuja única falha é a falta de direito de acesso a dados privados. (Huberman apud Markoff, 2012. traduzido por mim)

O economista-chefe da Google, no entanto, declarou que a empresa tem a ideia de abrir os dados, porém esbarram nas questões de privacidade. O artigo de Markoff relata também que, embora cientistas sociais estejam de acordo sobre a replicação dos dados, não há consenso sobre a privacidade. Segundo ele, as principais revistas de ciências sociais não costumam fornecer orientações sobre o compartilhamento de dados.

Essa questão tem relação com o que Bachelard (1996) defendeu sobre a construção do conhecimento científico. Para ele, a pesquisa científica tem o objetivo de cercar e retificar os erros. Porém, como contrapor a interpretação de outro autor se os dados primários estiverem inacessíveis, como no caso supracitado? Para Bachelard, a ciência é uma luta contínua contra o erro e as imagens enganosas, progredindo ao se opor com as ideias em vigência. Como diz Demo (2002), para Bachelard, a noção de qualidade do conhecimento depende da qualidade metodológica.

5 A emergência de novidades metodológicas em estudos no campo virtual

Para fazer um recorte da realidade que seja empiricamente viável e verificável, os pesquisadores dos ambientes virtuais deparam-se com o problema da composição de uma amostra ou da escolha do objeto empírico em um universo de possibilidades. Cada autor faz uma escolha diferente, baseados em características do local (site/rede social/blog) e/ou em decisões ligadas à vida prática.

Nos estudos que foram objeto de análise deste trabalho os temas são bastante distintos (até mesmo em virtude das diferentes áreas do conhecimento), contudo, apresentam influências teóricas em comum. Fazendo um levantamento sobre os autores mais presentes nos trabalhos analisados, o resultado é o seguinte:

Tabela 1: Frequência de referências e fontes dos autores mais citados pela amostra

Autor	Referências	Fontes
Manuel CASTELLS	12	6
Pierre LEVY	12	6
Anthony GIDDENS	15	4
Willian GIBSON	6	4
André LEMOS	6	4
Erving GOFFMAN	4	4
Zygmunt BAUMAN	6	3
Judith BUTLER	6	3
Mário GUIMARÃES JR	6	3
James CLIFFORD	5	3
Gilles LIPOVETSKY	5	3
Michel MAFFESOLI	5	3

Fonte: elaboração própria com base nas referências dos estudos da amostra

Entre os 12 autores mais citados, é interessante observar que há dois pesquisadores brasileiros (Lemos da Comunicação e Guimarães Jr. da Antropologia), o que considero como uma valorização da produção local sobre o tema. Nota-se também que mesmo os dois autores mais frequentes (Castells e Levy) não são unanimidade na amostra, podendo demonstrar que nem os autores mais estabelecidos são consenso na comunidade científica.

Quadro 1: Estudos componentes da amostra

Ano	Autor	Autor/Título	PPG	IFES
2005	Maria Tereza Teixeira Amarante	Os blogs e os blogueiros: entendendo as transformações da intimidade nas casas digitais.	Sociologia Política	UFSC
2006	Kelly Cristina de Souza Prudêncio	Mídia ATIVISTA: a comunicação dos movimentos por justiça global na internet.	Sociologia Política	UFSC
2007	Jean Segata	Lontras e a Construção de Laços no Orkut	Antropologia Social	UFSC
2008	Carolina Parreiras Silva	Sexualidades no ponto.com: espaços e homossexualidades a partir de uma comunidade on-line.	Antropologia	UNICAMP
2008	João Paulo Braga Cavalcante	Conexões entre o Mundo On-line e a “Vida Off-Line”: Otakus e Cultura de Consumo na Era da Internet	Sociologia	UFC
2010	Marcelo da Luz Batalha	Novas fronteiras para a comunicação ativista em rede: um olhar sobre o centro de mídia independente	Ciência Política	UNICAMP
2010	Micheline Gomes Batista	Second Life: corpo e identidade no mundo virtual	Sociologia	UFPE

Para analisar as novidades metodológicas foram examinadas nos estudos as dimensões do objeto, das definições metodológicas e do trabalho em campo no ambiente virtual.

Em relação aos conceitos, observou-se que os mesmos foram construídos com base em referências oriundas de diferentes áreas (como a informática, comunicação e ciências sociais), mas também através da experiência nesse novo campo de pesquisa. A questão sobre a trajetória da definição dos conceitos é especialmente útil no contexto dos estudos em ambientes virtuais em virtude da dinâmica da tecnologia material, que constantemente cria novos dispositivos e possibilidades que precisam ser denominados.

Os estudos possuem diferentes objetos e locais, portanto, não são comparáveis entre si. A análise tem como foco a emergência de novidades metodológicas relacionadas ao campo virtual.

Sobre o recorte empírico, a composição da amostra foi uma questão pertinente em alguns dos trabalhos analisados. Resultados de pesquisas em mecanismos de busca na internet foram a principal forma de compor uma análise preliminar, para depois se realizar um levantamento sobre a qualidade dessa amostra e fazer os recortes pertinentes. Por outro lado, quando a pesquisa combinou métodos em ambientes virtuais e presenciais, o recorte empírico no ciberespaço se deu também por proximidade espacial, em função da possibilidade física de encontro

5.1 As definições metodológicas

A definição de preocupação metodológica está associada à ideia de cuidado metodológico de Demo (2002), que reconhece que os métodos de pesquisa são instrumentos incompletos de captação da realidade. Considerar esse fato não significa abandonar as técnicas, mas sim discutir e explicitar as controvérsias que surgem na construção das estratégias metodológicas.

As conceitualizações fazem menção à construção de novos conceitos concernentes à pesquisa no campo virtual. Já a presença do pesquisador pode se referir tanto ao sentido de “estar lá” quanto ao sentido ideológico. As controvérsias do campo virtual, por sua vez, referem-se a menções sobre o virtual como campo de pesquisa, no qual o pesquisador encontra características diferentes dos ambientes não mediados.

A definição do desenho metodológico e a questão da presença do pesquisador como observador no campo virtual passaram pelo reposicionamento dos autores, inclusive quanto a constante atualização para acompanhamento do objeto em um campo cuja mediação se dá por

tecnologias e plataformas dinâmicas, as quais também demandam certo conhecimento técnico.

Sobre a presença do pesquisador há, além da questão ética da confidencialidade dos dados, a possível interferência no comportamento dos agentes. A possibilidade de dispersão ou desencorajamento de um grupo ou comunidade ao saber que está sendo estudada por um cientista social, porém, não é uma questão particularmente associada ao campo virtual, uma vez que também acontece em situações presenciais. A permissão de acesso a dados pessoais, por sua vez, pode ser concedida tanto por escrito (através de termo de consentimento ou declaração) quanto de forma previamente controlada/informada pelo próprio usuário, por exemplo, quando marca determinados álbuns no Facebook como privativos. Em contrapartida, a questão da privacidade dos dados no ciberespaço ainda está longe de ser esclarecida. Embora controlados pelo usuário, os dados são de posse de uma empresa, que os registra e armazena. O uso de dados primários não disponibilizáveis foi duramente atacado, pois criam desigualdades entre os pesquisadores (associados e não associados a empresas) e impedem a refutação dos resultados.

De maneira geral, os autores da amostra reconheceram e explicitaram a construção de novos termos para abordagem do objeto no ciberespaço, podendo vir a servir de base para outros pesquisadores no futuro.

5.2 O trabalho de campo virtual

Todos os estudos analisados optaram por realizar pesquisa qualitativa como forma de obtenção dos dados e dois deles o fizeram de forma combinada com pesquisa quantitativa. Mais da metade dos pesquisadores da amostra utilizou a etnografia virtual como método de abordagem empírica. Os outros métodos utilizados foram entrevistas por comunicadores instantâneos, e-mail e contatos através de redes sociais. O quadro a seguir detalha as opções metodológicas adotadas pelos autores.

Quadro 2: Características metodológicas gerais dos estudos

Autor	Universo do trabalho de campo	Métodos de pesquisa	Trabalho de campo
Amarante, 2005	Blogs	Qualitativa e Quantitativa	Virtual
Prudêncio, 2006	Websites dos grupos ATTAC internacional e Ação Global dos Povos e os serviços de informação a eles conectados (Indymedia, Rebellion, Nodo50 e La Haine)	Qualitativa	Virtual
Segata, 2007	Comunidades do Orkut associadas à cidade de Lontras-SC	Qualitativa	Virtual e presencial
Cavalcante, 2008	Portal animespirit.net e S.A.N.A.	Qualitativa e Quantitativa	Virtual e presencial
Silva, 2008	Orkut - Comunidades selecionadas	Qualitativa	Virtual e presencial
Batalha, 2010	Site e listas de discussão - CMI	Qualitativa	Virtual
Batista, 2010	<i>Second Life</i>	Qualitativa	Virtual e presencial

A partir da análise do corpo empírico foi possível observar que alguns autores já avançaram no desenvolvimento de abordagens metodológicas do ciberespaço. Uma das metodologias mais difundida seria uma reformulação da etnografia com vistas às propriedades do ciberespaço, chamada de *etnografia virtual* ou *netnografia*.

A etnografia, bastante utilizada como metodologia de estudos em ambientes presenciais, apareceu em vários dos estudos da amostra na forma de etnografia virtual, na qual há adaptações associadas às peculiaridades ambiente virtual. As técnicas como entrevistas e observação, típicas da etnografia, também foram utilizadas, contudo, através ferramentas do próprio ambiente virtual, como chats e softwares específicos, ou ainda através de scraps no Orkut e e-mails. Os métodos e as técnicas aplicados com adaptações e novidades no ambiente virtual, como qualquer método, apresentam vantagens e desvantagens. Foi interessante perceber que os métodos escolhidos, adaptados e construídos não variaram significativamente de acordo com a áreas, representantes tanto da antropologia, quanto da sociologia quanto da ciência política empregaram a etnografia em seus estudos.

Os autores trataram as problemáticas destacadas neste trabalho de diferentes maneiras: combinadas ou não com outros métodos, a partir de sua própria experiência como usuário da internet e/ou com base em métodos típicos da pesquisa no campo presencial. De forma geral os autores problematizaram a mediação do computador (e de outras tecnologias) como característica que requer novas reflexões sobre a abordagem empírica. Eles, portanto, demonstraram que o campo virtual tem demandado novidades metodológicas. A intensidade e relevância dessas novidades seriam análises complementares importantes que poderiam

contribuir para obter-se uma maior clareza sobre a influência do campo virtual na construção da metodologia de pesquisa social.

5.3 Especificidades dos métodos e questões éticas

Observei certas especificidades dos métodos e técnicas empregadas pelos pesquisadores especialmente relacionadas com o campo virtual, das quais duas abordarei em particular. A primeira diz respeito à forma de comunicação do ambiente virtual que se vale de signos e símbolos específicos. Estes, dependendo do objetivo do autor, podem aparecer no texto, porém, ainda que traduzidos, representam a visão do pesquisador sobre o símbolo. Cavalcante (2008), por exemplo, mantém a grafia dos entrevistados e explica entre colchetes o que significa ⁷. Ele considera importante manter a grafia dos entrevistados via internet para “preservar ao máximo o hábito de interação presente nesta tecnologia” (p. 27).

A segunda especificidade diz respeito a ética, privacidade e à forma de apresentar-se aos entrevistados. A riqueza de dados que a internet pode proporcionar também conduzem a questões sobre ética em pesquisa. Para discutir essas questões, May (2004) relata algumas experiências de observação participante oculta, na qual o pesquisador observa sem que os sujeitos saibam que estão fazendo parte de uma pesquisa. Mesmo que boa parte dos pesquisadores considere que os fins não justificam os meios, os que utilizaram esse método o justificaram com a natureza de suas evidências empíricas ou com relações de poder relacionadas a essas.

Para tratar sobre a ética da pesquisa em internet, Fragoso et al (2011) indicam o documento “Ethical decision-making and internet research: recommendations from the AOIR ethics working committee”⁸ produzido pela AOIR (Association of Internet Researchers). Sobre as premissas éticas iniciais para os autores, o documento questiona se os participantes sabem que a relação/comunicação entre eles e o pesquisador é privada. Em caso positivo, os dados são de responsabilidade do pesquisador e devem ser utilizados pseudônimos nas publicações da pesquisa. Em caso negativo, como no caso de perfis públicos em redes sociais, considera-se que os dados são públicos e podem ser monitorados com vistas aos objetivos de pesquisa.

Contribuindo para discussão sobre privacidade na análise de ambientes online, Elm (2009, p. 75, apud Amaral, 2010) estipula quatro níveis de privacidade a serem observados: 1) público – aberto e disponível a todos; 2) semipúblico – disponível a quase todos. Requer ser

⁷ “Indicativo de expressão facial para algo que gera prazer ou alegria” (p. 52).

⁸ Disponível em: <http://aoir.org/reports/ethics.pdf>

membro e/ou ter cadastro; 3) semiprivado – requer pertencer à organização de forma mais profunda; 4) privado – indisponível e fechado.

Além da questão sobre a presença do pesquisador no campo, tratada anteriormente e da preocupação ética do pesquisador, há também a desconfiança dos sujeitos para abrirem-se em um ambiente onde existe vulnerabilidade quanto à certeza das informações, tanto do sujeito/entrevistado sobre o pesquisador quanto o contrário.

Considerações finais

O campo virtual faz uma provocação ao pesquisador, fazendo-o questionar as formas de observação, participação, inquirição e análise. A forma como os cientistas reagem a isso, contudo, é diversa. Este trabalho teve como objetivo destacar questões acerca das especificidades da pesquisa social no campo virtual, as quais foram suscitadas através da análise de sete estudos no ciberespaço.

As hipóteses que guiaram este estudo apontavam que a pesquisa social demandaria adaptações ou reformulações das metodologias para abordagem do campo virtual. Essas adaptações/criações foram denominadas como novidades metodológicas, trazendo a ideia da busca de soluções relacionadas a questões próprias do ambiente virtual.

Embora os autores levantem questões pertinentes suscitadas por seus objetos empíricos no campo virtual, a discussão sobre as metodologias de pesquisa social no ciberespaço ainda são pouco estudadas pelas ciências sociais. Como um processo que leva tempo, as problematizações sobre o campo virtual no futuro provavelmente serão diferentes com relação às que os autores dos estudos analisados e eu levantamos, especialmente em virtude do aperfeiçoamento tecnológico das TICs. Contudo, as discussões, mesmo referindo-se a suportes ultrapassados, podem servir de base para as novas controvérsias do mundo virtual.

As novidades metodológicas associadas ao campo virtual constituem-se como um exemplo típico de como as problematizações também são históricas e sociais. Essa questão não surgiria para os pesquisadores anteriores ao surgimento da informática, bem como possivelmente não existiria se a internet não tivesse o alcance que atualmente tem, pois é uma questão própria do nosso tempo e decorre das condições sociais e materiais da sociedade contemporânea.

Referências

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas. **Rev. USP**, n.86, 2010, pp. 122-135 .

- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOURDIEU, Pierre, CHAMBOREDON, J.C; PASSERON, J.C. **Ofício de Sociólogo**. Metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1999.
- CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet**. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CHALMERS, Alan. **O que é ciência, afinal?** São Paulo: Brasiliense, 1993.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. **Banco de Teses**. Disponível em: <www.capes.gov.br/servicos/banco-de-teses>. Acesso em: mai. 2012.
- COTANDA, SILVA, ALMEIDA, ALVES. Processos de Pesquisa nas Ciências Sociais: uma introdução. In: PINTO, GUAZZELLI. **Ciências Humanas**: pesquisa e método. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008.
- DEMO, Pedro. Cuidado Metodológico: signo crucial da qualidade. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 17, n. 2, jul/dez, 2002. p. 349-373.
- DORNELLES, Jonatas. **Vida na rede**: uma análise antropológica da virtualidade. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2008.
- FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre : Sulina, 2011.
- GUIMARÃES JR. Mário. O ciberespaço como cenário para as Ciências Sociais. Trabalho apresentado no Grupo Temático "A sociedade da informação e a transformação da sociologia". **IX Congresso Brasileiro de Sociologia**, Porto Alegre, setembro de 1999.
- GUTIERREZ, Suzana de Souza. A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line. **32ª Reunião da ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação**, GT Educação e Comunicação. 2009.
- JUNGBLUT, Airton. Apresentação. Ciberespaço – Contribuições das Ciências Sociais Brasileiras. **Civitas**, v. 9, n. 2, mai-ago, 2009.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LEWGOY, Bernardo. A inverção da (ciber)cultura: virtualização, aura e práticas etnográficas pós-tradicionais no ciberespaço. **Civitas**, v. 9, n. 2, mai-ago, 2009, p. 185-196.
- MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MARKOFF, John. Taves of Personal Data, Forbidden to Researchers. **The New York Times**. 21 de maio de 2012. Disponível em <http://www.nytimes.com/2012/05/22/science/big-data-taves-stay-forbidden-to-social-scientists.html?_r=2&ref=science>. Acesso em: junho de 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: _____. (org.) **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- OLIVEIRA, Daniela, GAZOLLA, Marcio, SCHNEIDER, Sergio. Produzindo novidades na agricultura familiar: agregação de valor e agroecologia para o desenvolvimento rural. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 17-49, jan./abr. 2011.
- TAVARES DOS SANTOS, José Vicente. As possibilidades das Metodologias Informacionais nas práticas sociológicas: por um novo padrão de trabalho para os sociólogos do Século XXI. **Sociologias**, n. 5, Porto Alegre, jan/jun, 2001.